

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Ofaié-Xavante 23

Data: 07/02/93 Pg.: 5 - Cidades

ÍNDIOS

Ofaiés aguardam demarcação de suas terras

Providência é uma das últimas esperanças dos chefes para deter a extinção do grupo

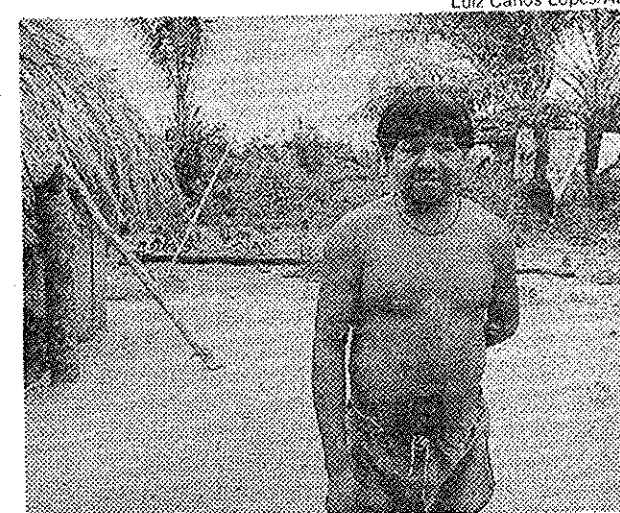
LUIZ CARLOS LOPES

BRASILÂNDIA — Levados quase à extinção como entidade étnica durante o processo de ocupação das terras do atual Estado de Mato Grosso do Sul, no início de século, os índios ofaiés xavantes, reduzidos a um grupo de 35 indivíduos, sobrevivem em uma gleba de 40 alqueires, arrendada pela Funai à Fazenda Olímpia, em Brasilândia (MS), junto à margem direita do Rio Paraná, na divisa com São Paulo. Mantidos com donativos particulares e recursos do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), esperam para este ano a demarcação de uma gleba de 600 alqueires na Fazenda Boa Esperança, perto da atual aldeia, a última etapa na luta que travam há várias décadas pela reconquista das terras de onde foram expulsos, depois de praticamente dizimados.

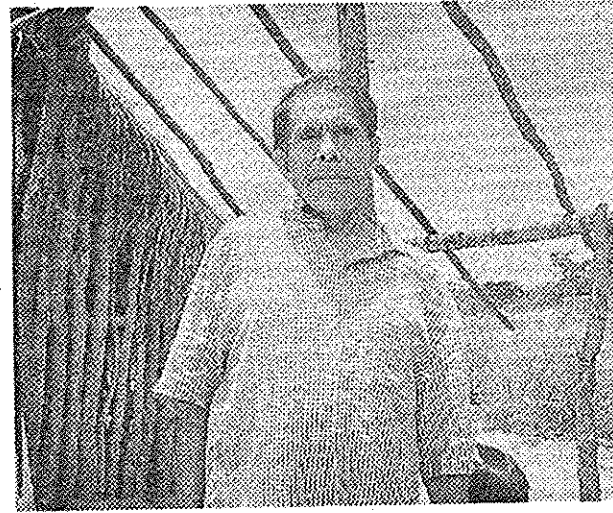
A demarcação, de acordo com decreto do Ministério da Justiça que estabelece prazo para a definição das áreas indígenas, deverá ser providenciada até outubro e esta é a maior esperança dos ofaiés para reverter o processo de extinção em que estão vivendo. Estimados em 2 mil indivíduos no final do século passado, eles eram cerca de 900 no início deste. Em 1940 já se haviam reduzido a cerca de 200 pessoas quando, durante 20 anos, se perdeu o controle físico do grupo, até que, em 1970, o antropólogo Darcy Ribeiro os considerou extintos, tese aceita pela própria Funai. Só em 1976 uma reportagem do Estado revelou a presença dos últimos 24 ofaiés xavantes, sendo dizimados pela fome, doença e bebida em uma gleba da própria Fazenda Boa Esperança. A partir daí os ofaiés foram transferidos para a Reserva Indígena Bodoquena, no extremo oeste de Mato Grosso do Sul, de onde, depois de oito anos, fugiram em pequenos grupos por não



Luiz Carlos Lopes/AE



Luiz Carlos Lopes/AE



Luiz Carlos Lopes/AE

Manter o grupo

A nova geração, o chefe Athaide (esq.) e o pretendente Roni: pela sobrevivência

suportarem mais as perseguições e o regime de semi-escravidão impostos por outros grupos indígenas e por invasores. Alguns deles voltaram à região de Brasilândia e em 1987 conseguiram uma área provisória de ape-

nas 2 hectares, cedida por um fazendeiro, na margem do Rio Paraná.

Só há pouco mais de um ano a Funai voltou a se interessar pelos ofaiés, arrendando a gleba de 40 alqueires onde vivem atualmente e

iniciando o processo de demarcação de uma reserva definitiva. Além dos 35 remanescentes do grupo, a aldeia conta com outros 18 indivíduos, entre índios guaranis e caiuás, e brancos casados com índias ofaiés.

Cacique nega acusação

BRASILÂNDIA — Só a esperança de reconquistar as terras de onde foram expulsos conseguiu manter vivos e unidos os ofaiés xavantes, conforme define o cacique e principal responsável pelas conquistas do grupo, Athaide Francisco Rodrigues. Ele lembra a miséria a que os índios foram relegados, a constante peregrinação pelos gabinetes da Funai e a sobrevivência quase impossível com pequenas roças de subsistência em terras de péssima qualidade, sem máquinas ou implementos agrícolas.

Foi o próprio Athaide quem cuidou de percorrer toda a região, juntando os ofaiés que viviam espalhados por diversas fazendas. Hoje ele calcula que restem apenas quatro remanescentes do grupo que fugiu da reserva Bodoquena, do qual não se conhece o paradeiro. Acredita que finalmente as terras de sua tribo serão demarcadas, apesar da constante alegação da falta de recursos por parte da Funai. E, citando as 25 crianças que formam o grupo, destaca a esperança de que, finalmente, o processo de extinção de sua raça esteja sendo revertido.

A morte ainda não esclarecida de um ofaié xavante, cujo corpo foi encontrado no dia 17 ao lado da Rodovia MS-395, distante nove quilômetros de Brasilândia, colocou sob suspeita o cacique Athaide e ameaça provocar uma divisão capaz de comprometer a luta do grupo pela conquista de sua própria reserva. Athaide nega qualquer participação na morte de seu amigo João de Souza, de 44 anos, e alega que o fato está sendo usado por guaranis e caiuás, que vivem na al-

deia e querem afastá-lo da chefia da tribo.

A própria polícia de Brasilândia não está convencida de que João de Souza foi assassinado. O laudo do Instituto Médico-Legal (IML) não foi concluído e a causa da morte apontada no atestado de óbito foi "insuficiência respiratória aguda". O corpo não apresentava sinais de violência e polícia acha que a morte pode ter sido natural, após um dia de bebedeira.

O cacique diz que deixou seu amigo e retornou à aldeia, mas a explicação não foi suficiente para impedir que outros índios, segundo ele, incitados por alguns guaranis e caiuás, o amarrassem e o apresentassem como assassino para o restante do grupo. Athaide foi libertado, passou alguns dias fora, mas já retornou à aldeia, onde teme ser destituído da função e até morto.

Os riscos são confirmados pelo índio guarani Roni Eliandres, casado com uma das filhas de João de Souza, que vem assumindo a liderança dos ofaiés. Mesmo sem culpar diretamente Athaide pela morte do sogro, ele lembra que os dois foram vistos juntos, caminhando bêbados ao longo da estrada, e que isso pode levar os ofaiés a contestar sua permanência como cacique.

Para Athaide Francisco, a ação dos guaranis e caiuás, que formam um grupo de sete pessoas, é política e pode resultar em sérios conflitos na tribo. Ele acusa um caiuí de ter estuprado uma índia de 10 anos e afirma que o eventual domínio daquele grupo, pode, agora sim, conduzir à completa extinção a nação ofaié xavante. (L.C.L.)